UM OLHAR SOBRE O MÉTODO CIENTÍFICO NO CAMPO COMUNICACIONAL

CARLOS ROBERTO GOMES[1]

Resumo

Este texto lança um olhar sobre o método científico no campo comunicacional, questionando o formalismo e as metodologias que se colocam como guias. Aproxima-se da complexidade e compara o método a um caminho a ser definido e trilhado pelo pesquisador, que, em seu proceder, toma decisões e faz escolhas, estando presente e implicado como ator político, que influencia e é influenciado pelo meio social no qual inserido, o que impossibilita o seu total distanciamento do objeto em seu fazer cientifico. Defende a efemeridade das verdades que se revelam nas pesquisas científicas, mas que, no entanto, devem ter consistência. Ao final, propõe uma abordagem alternativa na busca do real, baseada na concepção do termo "estranhamento" utilizada no meio teatral por Brecht.

Palavras-chave: Método; Complexidade; Caminho; Estranhamento; Brecht.

1. O Método

As ideias de universo determinista, baseado na ordem das coisas, na legislação universal, que refletiria a busca do homem racional por dominar a realidade, não podem hoje servir como parâmetro para a definição de método científico no campo comunicacional e, talvez, em nenhum outro campo. A visão simplificadora das ciências não considera o imponderável, o humano, o singular. Vê, segundo Morin (2001), a parte e o todo, mas não consegue ver que a parte contém o todo, que, por sua vez, contém as partes num movimento de circularidade construtiva "da explicação do todo pelas partes e das partes pelo todo" (MORIN, 2001, p. 259).

Morin (2001, p.15-16) não nega a importância da ciência e o progresso técnico possibilitado por meio do desenvolvimento dessa ciência, segundo ele, elucidativa, enriquecedora e triunfante, mas que, embora libertadora, traz, cada vez mais, "possibilidades terríveis de subjugação", pois também produz possibilidade de aniquilamento da humanidade. E, assim, defende um pensamento capaz de produzir e compreender a complexidade em que se encontra inserida a ciência.

O pensamento complexo surge, no início do século XX, a partir das transformações nas ciências naturais e matemáticas. Coloca em dúvida a visão de mundo baseada na ordem das coisas, na sistematização do real, no pensamento simplificador, no qual o real é decifrado por meio de um conjunto de regras básicas, empregadas em uma investigação científica com o intuito de obter resultados confiáveis.

Na contemporaneidade de uma realidade social complexa, permeada pela virtualidade e em que certezas ontológicas, ancoradas em linguagens, rituais e representações, têm suas estruturas cada vez mais abaladas, o método científico é algo mais subjetivo, ou implícito, do modo de pensar científico do que um manual com regras explícitas sobre como agir.

1 Mestrando em Comunicação da Universidade Católica de Brasília - Orientador: Luíza Mônica de Assis. E-mail: roberto35.santos@gmail.com

Butterfield (1965 apud FEYERABEND, 2003, p. 31-32) afirma que a história está cheia de "acidentes e conjunturas e curiosas justaposições de eventos", e demonstra-nos a "complexidade da mudança humana e o caráter imprevisível das consequências últimas de qualquer ato ou decisão dos homens" e, nesse sentido, questiona se devemos acreditar que as regras ingênuas e simplórias que os metodólogos tomam como guia são capazes de explicar tal "labirinto de interações".

> A ideia de um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios para conduzir os negócios da ciência depara com consideráveis dificuldades quando confrontada com os resultados da pesquisa histórica. Descobrimos, então, que não há uma única regra, ainda que plausível e solidamente fundada na epistemologia, que não seja violada em algum momento. Fica evidente que tais violações não são eventos acidentais, não são o resultado de conhecimento insuficiente ou de desatenção que poderia ter sido evitada. Pelo contrário, vemos que são necessárias para o progresso. Com efeito, um dos aspectos mais notáveis das recentes discussões na história e na filosofia da ciência é a compreensão de que eventos e desenvolvimentos como a invenção do atomismo na Antiguidade, a Revolução Copernicana, o surgimento do atomismo moderno [...] ocorreram apenas porque alguns pensadores decidiram não se deixar limitar por certas regras metodológicas "óbvias", ou porque as violaram inadvertidamente. (FEYERABEND, 2003, p. 37).

Um dos sentidos do termo método trazido por dicionários é o de que, derivado do grego methodos (caminho ou via), pode ser definido como caminho para se chegar a um fim ou uma meta. Se assim o entendermos, o pesquisador é o caminhante em um trajeto em busca de uma meta: revelar aquilo que está encoberto no mundo da vida, aquilo que está presente nas sutilezas do cotidiano e que por ser sutil não está à vista. O pesquisador/caminhante nesse caso teria uma atitude similar à do cronista (Silva, 2010), que nos acontecimentos cotidianos vê o que ninguém vê e que está além da realidade permeada pela linguagem e imaginários culturais. No mesmo sentido, Vizer, ao discorrer sobre a construção da realidade, afirma:

> Os homens e as sociedades vivem e constroem suas realidades mediando-as pelas crenças, os imaginários instituídos pela cultura, a linguagem, a observação, a subjetividade e a própria ação sobre o real. Esse "magma" indefinível [...] é a verdadeira "matéria ontológica" com a qual todos nós, os seres humanos, construímos nossas certezas: sobre o que é "real" e o que não é, sobre as realidades passadas ou sobre as realidades ideais, futuras ou idealizadas.". (VIZER, 2011, p. 18)

Braga (2011) descreve esse processo de descobrimento da seguinte maneira:

> Trata-se mesmo de enfrentar a resistência da realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida, agora encontra um esclarecimento produzido por nosso trabalho investigativo, de observação sistemática, de questionamento, de articulação adequada entre os fundamentos teóricos acionados e as dúvidas postas pela construção do objeto. (BRAGA, 2011, p. 6)

No entanto, essa revelação é conquistada ao trilhar um caminho escolhido, um método. Caminhos direcionam o caminhar, indicam o sentido. Métodos e teorias criam/permitem visões de mundo. O método/caminho escolhido pelo pesquisador o levará a desvendar a realidade de um determinado ponto de vista, de uma certa e específica perspectiva. Segundo Duarte (2007), modelos e seus conjuntos epistemológicos norteiam o sentido da emergência do problema e, consequentemente, a forma de pensar a investigação, assim como as suas possiblidades de leitura e interpretação.

Nesse sentido, não é possível assumir abordagens prévias e fechadas, diferentes pesquisas solicitam diferentes caminhos a serem percorridos, metodologias devem ser ajustadas ao objeto e ao desenho da investigação.

> Um meio complexo, contendo desenvolvimentos surpreendentes e imprevistos, demanda procedimentos complexos e desafia uma análise baseada em regras que tenham sido estabelecidas de antemão e sem levar em consideração as condições sempre cambiantes da história (FEYERABEND, 2003, p. 33).

Esse caminho leva a diferentes revelações quando percorrido por diferentes caminhantes, pois o pesquisador, sujeito em seu caminhar, se depara com desafios, obstáculos e opções, os quais deverá decidir como superar. Muitas vezes, terá que voltar trajetos já percorridos e refazê-los com outros olhares; outras, deverá desviar, percorrer diferentes paisagens e voltar ao seu percurso original, mais capacitado a superar os desafios da pesquisa. De acordo com Braga (2011), serão sempre, durante todo o desenvolvimento do percurso/desenvolvimento da pesquisa, desde as hipóteses até os resultados finais, necessárias ações concretas e refletidas.

> [...] "metodologia" se relaciona a toda uma diversidade de ações de encaminhamento, assim como a uma variedade de instâncias de reflexões; e que as tomadas de decisão, passo a passo, implicam a necessidade de fazer distinções entre níveis e dentro de cada nível de elaboração. (BRAGA, 2011, p. 8)

Assim, o sujeito caminhante é o senhor de suas escolhas e decisões e não está subjugado ao caminho que escolheu.

2. Da Relação Sujeito-recorte do Mundo da Vida (O Pesquisador Sujeito em Seu Caminhar)

No ambiente contemporâneo de profundas transformações, num contexto de complexidade, não cremos adequado nominar objeto ao recorte estudado, pois também sujeito sob o ponto de vista do olhar do outro. Trata-se, ao nosso ver, de um recorte do mundo da vida. Assim, o caminhante/pesquisador faz um recorte do mundo da vida e caminha para desvendá-lo. Ao observá-lo, também é observado. Trata-se de sujeito analisando sujeitos e/ou sujeitos analisando sujeito.

Nesse sentido, Cesar (2012, p. 19) afirma:

> As produções simbólicas que expressam a natureza do mundo sócio histórico não podem ser consideradas como um campo-objeto, que pode ser observado objetivamente, mas como um campo sujeito, pois são elaboradas a partir de um processo contínuo de reflexão do sujeito sobre a realidade construída por ele mesmo, ao buscar compreender a si próprio por meio dela. Thompson (1995) considera que tanto os analistas como os sujeitos envolvidos (...) agem motivados pela reflexão e avaliação da realidade circundante.

As diferentes manifestações do mundo da vida dificilmente podem ser apreendidas em sua totalidade. Na tentativa de desvendar tais manifestações, recorremos ao recorte – que, pensado no paradigma da complexidade, é parte do todo, contido nele, mas que também o contém, numa ação retroativa e circular - para que se torne possível capturar o não visto que está além dos imaginários culturais mediados pela comunicação, e, assim, iluminar nossa visão desse corpo maior, o mundo da vida.

Carmelo (2000, apud HEBERLÊ, 2006, p. 18) afirma haver um esforço contínuo e ilimitado de observar e interpretar redes de significados a partir das expressões que circulam no ambiente, que

pode ser considerado o próprio do ato de viver. Esse processo seria então tão habitual, transparente e quase instantâneo que não nos proporcionaria uma fácil distinção entre "por um lado, a imaterialidade da massa de conteúdos interpretados e, por outro lado, a amálgama de expressões ou suportes materiais (seja qual for a sua natureza) que nos possibilitem a aquisição daqueles".

No campo comunicacional, ainda que mediadas por tecnologias, as interações comunicativas estarão presentes em toda e qualquer abordagem científica que se pretenda, o humano é indissociável das ciências sociais e de seus estudos. "No campo específico da Comunicação [...] os diferentes objetivos e objetos do humano e do social é que seriam percebidos pelo ângulo prioritário da comunicação que os organiza e que deles decorre. " (BRAGA, 2011, p. 67).

O pesquisador/sujeito, ao analisar o recorte e conhecer, já não é mais o mesmo, pois transformado pelo que começa a conhecer. O recorte analisado, por sua vez, também já não é igual, pois visto por um outro olhar, que começa a ser ampliado. Ao "ler" aquele contexto, o pesquisador é envolvido por ele, é a interação entre eles que constitui a análise.

O caminhante/pesquisador é certamente sujeito e consigo traz seu lugar de fala, sua posição no campo da comunicação, campo de disputas políticas e afirmações da ciência, mas também pessoais. Seu lugar de fala é ainda sua origem geográfica, seu lugar social, mas, mais além do que isso, em sua fala/seu olhar, estão inseridas sua história, infância e ideologias. Impossível é ao pesquisador a posição de homem puramente racional, dominador das realidades, reduzindo-as às suas dimensões mensuráveis. As realidades, segundo Curvello e Scroferneker (2008), sempre foram complexas, carregadas de componentes inexplicáveis, não interpretáveis, da ordem e do caos.

A visão de mundo do pesquisador, sua experiência de vida, reflete invariavelmente em seu trabalho, bem como nos pressupostos teóricos e metodológicos que o orientam. O homem conhece a partir de suas impressões sensoriais, "só existe o que meus sentidos percebem" (HOBBES, 1983, p. 9 apud FERREIRA, 2015, p. 176). Dante (2005, p. 76) afirma que "A realidade é reconstruída através dos sentidos e do cérebro, que, observando-a como sujeito, estabelece com ela relação hermenêutica".

A ciência está inserida na realidade social e é por ela em certa proporção condicionada; assim, o pesquisador, como ator político, influencia e é influenciado pelo meio social no qual inserido, tendo, portanto, sua subjetividade como característica.

Para Morin (2001), uma comunidade/sociedade desenvolve um processo crítico, num jogo em que assume plenamente as regras, e denomina ao resultado objetividade. O que nos faz ver alguma coisa como objetiva é na verdade um consenso de pesquisadores.

> Se a objetividade se baseia numa dinâmica complexa, então, efetivamente, vocês podem compreender uma coisa muito importante, na qual Propper insistiu muito: se a objetividade científica fosse fundamentada na imparcialidade ou na objetividade do sábio individualmente, então deveríamos desistir dela. A objetividade não é uma qualidade própria das mentes científicas superiores. Além disso, vocês sabem muito bem que fora dos seus laboratórios as grandes cabeças, os prêmios Nobel, os sábios eminentes se comportam como seres passionais, pulsionais, ao emitirem suas opiniões sobre a sociedade e sobre a política, opiniões tão lastimáveis quanto as de qualquer outro cidadão e mais deploráveis ainda por causa do prestígio de que gozam e dos erros que propagam. (MORIN, 2001, p. 42).

Nesse sentido, nenhuma neutralidade é possível, haja vista não haver desinteresse em ciência. Em sentido lato, todo pesquisador é implicado. Implicado no sentido de que ou quem está envolvido, comprometido em relação a alguém, a algo ou a algum fato, ou, ainda, confusamente misturado, implexo, entrelaçado, tornando inválidos os mecanismos defendidos pelas comunidades epistêmicas como capazes de controlar a implicação.

> A história da ciência, afinal de contas, não consiste simplesmente em fatos e conclusões extraídas de fatos. Também contém ideias, interpretações de fatos, problemas criados por interpretações conflitantes, erros e assim por diante. Em uma análise mais detalhada, até mesmo descobrimos que a ciência não conhece, de modo algum, "fatos nus", mas que todos os "fatos" de que tomamos conhecimento já são vistos de certo modo e são, portanto, essencialmente ideacionais. Se é assim, a história da ciência será tão complexa, caótica, repleta de enganos e interessante quanto as ideias que encerra, e essas ideias serão tão complexas, caóticas, repletas de enganos e interessante quanto a mente daqueles que as inventaram. (FEYERABEND, 2003, p. 33)

Habermas (apud MORIN, 2001, p. 47) afirma que a ciência dissimula os interesses fundamentais aos quais ela deve não só os impulsos que a estimulam, mas também as condições de toda objetividade possível, quando busca atingir essa mesma objetividade.

Assim, nos cabe perguntar como, então, realizar o trabalho de observação de forma a permitir que o sutil se revele? Como descobrir, evidenciar algo, o real, uma verdade – muitas vezes esquiva e quase impenetrável - num fazer científico que não se pretenda puro, nem objetivo, nem neutro?

Morin (2001) diz que a realidade pesquisada pela ciência não é uma realidade trivial, não são verdades evidentes. O real é algo escondido, velado, surpreendente e temporário. Permanece incerto, pode ser ultrapassado enquanto certeza absoluta. Propper (apud MORIN, 2001, p. 56) chama a isto de falibilismo, que está ligado ao progresso. No entanto, o descoberto precisa ter relevância e contribuir para o conhecimento. A aproximação com o objeto, que aqui denominamos recorte do mundo da vida, necessita certo rigor.

Silva (2010) propõe três passos para o que denomina de "antimetodologia positivista" na busca do descobrimento tanto numa pesquisa de campo quanto na interpretação de qualquer objeto simbólico, quais sejam:

> "estranhamento" (o procedimento antropológico de saída de si por meio do qual o pesquisador tenta abstrair os seus valores, trocar de lente ou simplesmente colocar de lado os seus pré-conceitos) , "entranhamento" (procedimento compreensivo e fenomenológico de empatia por meio do qual o pesquisador mergulha no universo do outro para sentir aquilo que lhe escapa, viver uma experiência que não é sua, praticar a diferença como repetição de uma vivência) e, por fim, "desentranhamento" (procedimento por meio do qual o pesquisador sai do outro, volta a si, retoma os seus valores, afetado pelo objeto, e numa abordagem dialógica busca narrar o vivido como cronista do eu/outro). (SILVA, 2010, p. 14)

Assim, o processo se daria da seguinte forma: O pesquisador tenta abstrair-se de seus valores e ideologias para, em um segundo estágio, mergulhar no universo do outro, ver com o olhar do outro, para, então, voltar a si, modificado por aquele recorte do mundo da vida, e analisar/narrar o vivido.

Com o intuito de contribuir na busca por trazer à luz o que está encoberto por alguma sombra, como define Silva (2010), entendemos, em um esforço por pensar com o autor, por reestruturar esse trajeto, no sentido de redefinir o primeiro passo, "estranhamento", manter os conceitos e passos do "entranhamento" e "desentranhamento" e incluir aquele primeiro passo sugerido por Silva numa quarta etapa desse processo, ou seja, um quarto passo: um segundo "estranhamento".

Parece-nos que Silva (2010) usa o termo "estranhamento" no sentido de distanciamento, utilizado no meio teatral, difundido por Bertolt Brecht, em que o efeito de "estranhamento" se realiza mediante a adoção de procedimentos cênicos, utilizando determinados recursos, que façam com que haja rompimento do envolvimento do espectador com o drama encenado, fazendo com que o habitual

seja estranhado e, assim, não se veja nele o que estamos acostumados a presenciar e vivenciar em nosso dia a dia.

O habitual só nos será estranho se deixarmos de lado certos valores que nos foram incutidos por instrumentos ideológicos: Estado, família, escola, sociedade. Ou seja, "estranhamento", nesse sentido, é aquela capacidade de ver o incomum no comum, olhar com novos olhares. O que só é possível se o pesquisador for capaz de abster-se de si mesmo, de seus condicionamentos, ou parte deles.

Montagnari (2010) afirma que o efeito de estranhamento ou de distanciação (verfremdung) faz com que o habitual seja estranhado para que nele não se veja, mais uma vez, o que estamos acostumados a presenciar e vivenciar em nosso dia a dia, conceito chave do teatro brechtiniano.

> Procurou-se achar uma forma de apresentação por intermédio da qual o familiar se convertesse em surpreendente e o habitual em assombro. Aquilo com que nos deparamos todos os dias deve produzir um efeito peculiar, [...] para produzir o efeito de distanciação, o ator tem que colocar de lado tudo o que aprendeu para provocar no público um estado de empatia. (BRECHT, 1972, p. 51 apud MONTAGNARI, 2010, p. 16).

Ou seja, "estranhamento", aqui, é um distanciamento de si mesmo, que permite novos olhares.

Em nossa proposta, para aquele primeiro passo indicado por Silva (2010), usaríamos também o termo "estranhamento", mas em seu sentido mais usual: admiração, espanto, pasmo, desconforto. Acreditamos que o pesquisador não tenha, de início, aquele olhar distanciado, de assombro em relação ao habitual. Num primeiro momento, há, sim, algo no mundo da vida que o incomoda, provoca questionamentos, o que lhe causa um certo estranhamento, um certo efeito, e faz com que crie hipóteses no intuito de organizar essas percepções.

É esse sentimento que o impulsiona a querer conhecer mais e o leva ao segundo passo, que em nossa proposta é similar ao de Silva, o "entranhamento", só que aqui o pesquisador entranha com toda a sua subjetividade: pré-conceitos, ideologias, condicionamentos, emoções inerentes a todos nós. Vive aquela experiência, que até então não era sua, com todas as suas emoções, para, em uma terceira fase desse trajeto, desentranhar-se para analisar o vivido. Momento em que volta absolutamente afetado pelo objeto (recorte do mundo da vida). Somente nesse momento, em nossa proposta, o pesquisador fará, aquele que seria o primeiro passo na proposta de Silva (2010), o estranhamento brechtiniano, no sentido de abstrair-se de si para olhar sem ideologias, ver com espanto o que é tido por comum.

Para olhar todo o vivido, sentido e observado nesse trajeto, nessa quarta fase, o pesquisador tem a difícil tarefa de desentranhar-se de si mesmo, de olhar-se por fora, de se ver de forma mais realista, ressignificar-se na medida do possível. Não no sentido de procura de uma objetividade em seu olhar, mas no fortalecimento de sua subjetividade, agora mais consciente, mais empoderada, de um sujeito menos subjugado pelas ideologias e valores condicionados ao longo de sua história, para, aí sim, realizar a análise do todo de sua pesquisa. Cremos assim estarmos mais próximos da realidade, que, como definida anteriormente nesse texto, é, muitas vezes, esquiva e quase impenetrável.

3. Considerações (O Olhar sobre o Caminho Percorrido)

Considerações, e não considerações finais, pois não há espaço para ponto final nesse ou em qualquer outro trabalho acadêmico, haja vista não ser esse o objetivo, mas sim provocar, levantar possibilidades, possíveis visões de um relance do real. Novas argumentações, críticas, somas, talvez sejam a verdadeira contribuição esperada de parceiros desse caminho.

Trata-se de olhar o que foi feito, o trajeto percorrido pelo autor, os seus posicionamentos, vindos de suas leituras, de seu caminhar, de seu lugar de fala. Certamente, há aqui, nesse caminho expresso em texto, também outros dizeres, de outros autores mais experientes, com vastas estradas percorridas e caminhos solidificados. Polifônico, portanto, como qualquer texto.

Nesse trajeto, questionou-se o formalismo e as metodologias que se colocam como guias, aproximou-se da complexidade e comparou-se o método a um caminho, a ser definido e trilhado pelo pesquisador, senhor do caminho e de seu caminhar. Questionou-se a realidade encontrada, pois mirada pelo ângulo dado pelo caminho escolhido. Destacou-se o fato de o pesquisador afetar e ser afetado pelo recorte do mundo da vida estudado. Observou-se a dificuldade de se obter uma verdade, efêmera, mas que, no entanto, deve ter um mínimo de consistência para que seja considerada teoria científica. Por fim, destacou-se a subjetividade e a impossibilidade de neutralidade como inerentes ao fazer científico no campo comunicacional, haja vista ser o pesquisador presente e implicado como ator político, que influencia e é influenciado pelo meio social no qual inserido.

O caminho foi expresso pelo discurso. A teoria, caminho percorrido pelo pesquisador, assim como esse texto, é expressa pelo discurso, pela palavra, detalhando, argumentando, afirmando, guiando. Teorizar é expressar, é redigir, é tomar posição. Demo (2005) defende a importância da teorização como expediente fundamental de explicação da realidade. Para ele, construir conhecimento implica a habilidade de tecer teorias.

Teoria científica é esta estrutura discursiva, que oferece coerência e consistência para se compreender a realidade.

> "Afinal, um texto é um 'tecido', feito de urdiduras teóricas bem tramadas. Teoria supõe, como regra, ideias arrumadas, habilidade explicativa para além da descritiva, labor sistemático sobre sistemas teóricos, tessitura lógica não contraditória, capacidade eminente de argumentação e contra argumentação". (DEMO, 2005, p. 75)

No trajeto percorrido neste texto, assim como acontece nas pesquisas científicas, o autor fez escolhas, tomou decisões. Fez, refez, deletou, reescreveu, caminhou por diferentes percursos. Esse caminho percorrido jamais se daria da mesma maneira por um outro caminhante. Esse caminho específico pertence àquele que o caminhou, que o construiu à sua semelhança. O caminho e o caminhante estão amalgamados, entretecidos, assim como o método e o pesquisador. Impossível dissociá-los. Assim, em certo sentido, o caminhante é o caminho e, da mesma forma, o pesquisador é o método.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **A prática da pesquisa em Comunicação**: abordagem metodológica como tomada de decisões. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.14, n.1, p. 1-33, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>. Acesso em: 12 maio 2017.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso, São Leopoldo, RS, v.25, n.58, p. 62-77, jan/abr. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/issue/view/106>. Acesso em: 14 maio 2017.

CÉSAR, Regina Célia Escudeiro. **A Comunicação Pública como Práxis no Processo de Mediação e Mobilização da Sociedade Civil na Esfera Pública**. Tese (Doutorado em Comunicação)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

CURVELLO, João José Azevedo; SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. **A comunicação e as organizações como**

sistemas complexos: uma análise a partir das perspectivas de Niklas Luhmann e Edgar Morin. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, v.11, n.3, maio/jun. 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/307>. Acesso em: 20 maio 2017.

DEMO, Pedro. **Teoria**: para quê. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v.3, n.2, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/viewFile/139/121>. Acesso em: 03 maio 2017.

DUARTE, Eduardo. **A formação dos campos de saber científico – o caso do campo comunicacional**. In: DRAVET, Florence Marie; CASTRO, Gustavo de; CURVELLO, João José Azevedo (Org.). Os saberes da comunicação: dos fundamentos aos processos. Brasília: Casa das Musas, 2007. 252 p.

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Linguagem das selfies**: cibercultura e interação social, Revista LinguíStica: revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 175-192, dezembro de 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4508/3279>. Acesso em: 25 maio 2017.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. 373 p. Tradução de Cezar Augusto Mortari

HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. **Significações**: os sentidos da ciência no mundo atual. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006. 159 p.

MONTAGNARI, Eduardo Fernando. **Brecht**: estranhamento e aprendizagem. Revista de literatura, artes e educação – JIOP, Maringá,PR, v.1, 2010. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/revista_jiop_1/artigos/montagnari.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 350 p. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010. 95 p.

VIZER, Eduardo Andrés. **A trama (in) visível da vida social**: comunicação, sentido e realidade. Porto Alegre: Sulina, 2011. 286 p.